

Venezuela diz que Maduro é o vencedor; oposição contesta

Órgão eleitoral da Venezuela anuncia vitória de Maduro; oposição contesta

Segundo CNE, ditador teve 51%, ante 44% do rival Edmundo González, com 80% das urnas apuradas

Mayara Paixão

CARACAS Com uma Venezuela imersa em tensão e de olhos vidrados nos celulares para receber o resultado das eleições, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) afirmou na madrugada desta segunda-feira (29) que Nicolás Maduro foi reeleito para mais seis anos no poder.

Segundo o órgão, o ditador teria obtido 51,2% votos, enquanto, em segundo, o opositor Edmundo González, à sombra da líder María Corina Machado, teria obtido apoio de 44,2% dos eleitores.

A participação teria sido de 59% no país em que votar não é obrigatório. Estariam apuradas 80% das urnas, mas os resultados seriam irreversíveis.

As porcentagens indicam que Maduro teria recebido pouco mais de 5,1 milhão de votos, enquanto González, 4,4 milhões.

Horas antes da divulgação oficial, a presidente do partido Encuentro Ciudadano, Delsa Solórzano, falando pela aliança representada por González, disse que as atas de urnas eleitorais coletadas pela oposição já permitiriam indicar "que a Venezuela hoje pode celebrar em paz", uma linguagem cifrada indicando vitória de seu campo político, uma vez que as leis do país proíbem que qualquer informação seja divulgada antes do boletim oficial do CNE.

O resultado anunciado pela autoridade eleitoral frustra uma inédita campanha opositora que levou multidões às ruas, liderou pesquisas de intenção de voto e fez ressurgir em parcela da população a expectativa de que a era chavista se encaminhasse para o fim.

"Os resultados são inocultáveis. O país escolheu uma mudança de paz", chegou a escrever González no X.

O prognóstico de uma possível vitória da oposição, reforçado por números de pesquisas de boca de urna (cuja divulgação era proibida), levou vários países da região a cobrirem Maduro.

O mais enfático foi o pre-



Nicolás Maduro e Edmundo González votam para presidente em Caracas, a capital venezuelana. Juan Barreto e Raul Arbolledo/ AFP

sidente da Argentina, Javier Milei, desafeto de Maduro. "Os venezuelanos decidiram acabar com a ditadura comunista de Nicolás Maduro. Os dados apontam uma vitória acachapante da oposição e o mundo espera o reconhecimento desta derrota depois de anos de socialismo, miséria, decadência e morte", escreveu no X, dizendo ainda esperar que as Forças Armadas defendam a democracia.

De forma menos incisiva, o ministro das Relações Exteriores do Chile, Albert von Klaveren, disse que seu governo fazia um apelo para a vontade dos venezuelanos ser respeitada. "São horas decisivas na Venezuela e a democracia deve prevalecer acima de tudo."

Já o Brasil optou pela cautela. A forma como o governo reagiria quando houvesse divulgação dos resultados foi alvo de debate nos últimos dias no Planalto e no Itamaraty.

Um dos primeiros pontos levantados foi a necessidade de aguardar se o resultado seria contestado ou não pelo lado derrotado.

Em nota divulgada mais cedo na noite de domingo, o enviado do presidente Lula (PT) para acompanhar o processo eleitoral na Venezuela, Celso Amorim, disse que o petista vinha sendo informado e acrescentou esperar que "os resultados finais (...) sejam respeitados por todos os candidatos."

Oscar Arias, ex-presidente da Costa Rica, fez um apelo diretamente ao ministro da Defesa venezuelano, Vladimir Padrino, exortando a defender a vontade do povo de seu país. Mais cedo, o chefe militar deu a entender que Maduro sairia vitorioso.

"Podemos dizer antes mesmo de saber os resultados que o povo se levantou com muita força e contundência para rechaçar e exigir o fim das

sanções da Venezuela", disse.

Em reação às manifestações dos países vizinhos, o chanceler venezuelano, Yan Gil, publicou um comunicado denunciando haver em curso uma suposta "operação de intervenção" no processo eleitoral por parte de "um grupo de governos e poderes estrangeiros", citando Argentina, Peru e Uruguai, entre outros, e também nominalmente os ex-presidentes argentino Mauricio Macri e colombiano Iván Duque.

Havia um clima generalizado de tensão no país. Diante do Palácio de Miraflores, sede da Presidência, uma multidão já celebrava o que acreditava ser a vitória de Maduro.

Ao longo dos últimos dias Maduro disse repetidamente que apenas o resultado da autoridade eleitoral era o válido e que seria reconhecido por ele. Também afirmou com recorrência que a oposição pla-

nejava não reconhecer os resultados para acusar que haveria fraude.

A votação ocorreu com relativa tranquilidade em Caracas ao longo do dia. Em um centro de votação da região de La Mercedes, muitos idosos aguardavam sentados e eram auxiliados pela polícia bolivariana para buscar uma sombra que os protegesse dos 28°C.

O casal de engenheiros civis Ana, 64, e Enrique Protzel, 69, já havia votado. Os dois escolheram Edmundo González.

A cena era a de um esposo esperançoso e uma mulher resignada. "É um momento transcendental para a Venezuela", disse Enrique. "Eu sempre pensei que as eleições eram montadas... feitas na medida para legitimar um regime."

"Mas o que ocorreu no país ao longo destes meses foi tão marcante e importante que me fez vir", continuou ele, referindo-se às multidões que a oposição representada em María Corina levou às ruas. "Já sofremos muito. Por um lado um resultado significa um aumento terrível da emigração. Por outro, uma transição que vai ser difícil. Não acho que haja saída fácil ou bonita."

Eles disseram lamentar pelos três filhos, já formados na faculdade. Os pais insistiam em que eles saíssem do país. Mas os três querem insistir é na Venezuela. Os sobrinhos já quase não estão no país: de 18 no total, 15 moram no exterior.

"Meu esposo tem esperança, isso é muito bonito. Ele teve de fechar seus negócios, eu os meus, há cinco anos. Não creio honestamente que esse senhor [Nicolás Maduro] vá entregar o poder."

Não muito longe estava a dona de casa Estrella Fernández, 58. Ela também votou na oposição e aguardava o marido para buscá-la.

"A campanha foi muito desigual. Houve muita pouca divulgação da oposição e muita do governo, que obviamente consegue ter todos os poderes em duas mãos. Mas graças a Deus agora temos as redes sociais, ainda que mesmo no YouTube eu tenha visto uma campanha de ódio. Ainda assim, não acredito que acitem perder", disse ela.

O domingo de votação foi escolhido a dedo pelo regime. É o dia do nascimento de Hugo Chávez (1954-2013), cuja presença, ainda marcada em milhares de fotos e desenhos pela Venezuela, a ditadura de Maduro tentou relembrar para catapultar sua popularidade.



Área: 912.050 km² (equivalente ao estado de Mato Grosso)
 População: 28,4 mi (cerca de dez vezes a da cidade de Brasília)
 PIB: US\$ 97,12 bi (do Brasil é US\$ 2,17 tri)
 IDH: 119ª posição (Brasil é o 89º)

Fontes: Banco Mundial, CIA World Factbook, BGE e ONU

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 9